

O GESTO DA PALAVRA

no Sarau do Memorial

30 de agosto de 2014, sábado, sessões 11 e 13 horas

no Memorial Minas Gerais Vale

praça da Liberdade BH MG

Mas afinal, o que é poesia? A pergunta pode parecer simples, e de fato me parecia quando escrevi meu primeiro livro. Mas tudo se complica no percurso, principalmente quando a trilha se bifurca, surgem desvios de rota, experimentos pelas vizinhanças. Assim, depois de pensar bastante, concluí que este sarau deveria se ancorar justamente nessa pergunta:

poesia?

Assim, apresentarei a vocês um recorte da minha obra passando por textos de quase todos os meus 11 livros. Neles, colhi poemas que de alguma forma tocam na pergunta fundamental. Poemas, poeta, poiesis, eu diante da condição de ser um. O que é poesia e o que não é mesmo. Mesmo?

Lucas, parceiro no Sítio de Imaginação, no site sítio.art.br, vai discotecar a mente poética já publicada no ciberespaço. Ele fará isso ora em sinergia, ora em dispersão, na maior parte do tempo sem som, de forma mais cenográfica, numa projeção atrás de mim.

Depois desse declame, 10 grãos de poesia em forma de pen drive, serão vendidos a 40 reais cada. Eles têm licença Creative Commons, são software livre, e está é uma forma de colaborar com as atividades do ateliê. (Você pode comprar na nossa loja na internet).

... Foi interessante a ‘pesquisa’.

Achei muitos poemas cheios de mais perguntas e novas respostas, quase todas válidas, e concluí: a poesia não tem contorno e suporte bem definidos, mas...

... que existe, existe.

Vamos começar então convidando para participar os nossos abuelos...

**0 caso do cumpadi, a sua ‘formação’
por seu biluzinho, pescador de januária mg
na beira do rio são francisco
acervo do Sertão de Minas 1.0
hospedado em sertoes.art.br**

Espero trazer indícios, traços, pistas, para afinar em perguntas ou inquietações, melhor dizendo.

Veremos depois se deu certo, pretendo ler poemas para nós e tecer uma rede em volta, construir uma ‘formação’.

Construir um castelo de areia paravê-lo ruir com a maré

De onde começamos, a partir do livro Monódias:

ABSOLUTA

**o que faço é ser às vezes
o que muitos outros são**

**poesia definitivamente não é verso
busco o gesto das palavras**

Tem uma anotação da mesma época.

ANOTAÇÃO

**o poema nem sempre está
quase nunca deve
nem às vezes se espera**

**o ar não parece ocupar
e a língua não é apenas falar**

A palavra ‘poesia’, seu campo de emanações...

Começaria tentando apresentar aqui um certo olhar, Esse
'olhar' da poesia.

O poeta observa a sua musa.

A MUSA SÉRIA

**de traço reto
e linha grossa
entre a testa e os olhos
cor de carvão
(cara-de-pai)
olhos sonhos - de quem não vê
(usa óculos e os põe por vezes)**

...

**lá está a musa
séria e reta
bem diante de mim
iluminada pelo neon
imaginada pelas palavras
distante dos olhos
que não vêm os óculos**

**a musa séria e reta
que agora me leva
mais um guardanapo**

...

**sobre-olho preto
boca suave
traço de seu-pai
corpo de mulher
a musa séria
com cara de desmaio
displícente
fixa num ponto da mente
toda mistério**

...

**busco os gestos do seu espírito
que acerta cada dessas arestas
cada vez que sobe a sobrancelha
sem dobra
e nos deixa um olhar
isósceles e sonso**

O HOMEM DO BAR

**era desalinhavado
ouvia-se e reclamava-se
o tempo todo**

A sintaxe poética... como alguém se reclama?

Os bens inestimáveis. De certa forma o território da desmedida.

SALTO NA DIVISA

**livre no sertão
com um caderno de música
alegre e só no ermo
a paisagem grandiosa
que não cabe no quadro
a terra-e-o-céu
o cavaleiro da luz
no solapino
no plano desse horizonte
o cavaleiro da luz
salta na divisa
lá-se-vai
na pista desse dia
no plano desse dia
na divisa céu-e-terra
salve alturas!
salve larguras!
no plano sem ribanceira
o liso apenas**

um vasto contorno
vejo de costas
vejo só teto
meus olhos palpam chão
meus olhos debruçam céu
ó mundo inóspito!
oxalá tivesse a fôrma
desse contorno grandioso

O É, o instante

ENTRETIDO

entre
duas paredes
gemelares
de sebo
de gota
de glande
tido
concebido
de boca
grande
de môro
turvo
concepcionado
través de mãe
viés de pai
visto
depois
como ente
valente
garoto
tido
entre tantos
tido entre
outros
possíveis
para ser
exatamente
o É

**trecho capturado do documentário Pan-Cinema Permanente
sobre Waly Salomão, dirigido por Carlos Nader)**

Como começa 1 poema?

A busca do primevo, o início, as fontes.

A PROFECIA DO GÊNESIS

I

**fora aos usurpadores
que se apropriaram
da nossa fome
fora! o sagrado
queremos também**

...

II

**agora lembramos
o código nos pertence
agora lembramos
amamos a terra e o mais entranho
dos perfumes de chuva
sabemos ser como os animais
e entendemos o porquê de morrer
estamos aqui antes da extorsão
e da usura**

...

IV

**quero o mundo antes da posse
quero o mundo antes do pasto
esta folha branca outra vez
a arte bizonte
o artista atrás da obra
o ciclo imutável da vida
passando aqui
quero navegar através das eras
e esquecer a pobreza do século
o tempo na larga
como o geólogo e o astrônomo**

**quero partos com dor
e a vida como ela é
desde sempre...**

...
**também não sou alegre
nem sou triste
e daí?
sou templário
o homem antes do bom selvagem
e de todas as formas de dizê-lo
como ser**

...
**antes da tora
todo dia um ritual
antes do paraíso
e de dante
mesmo, antes
nem bem nem mal
o que é bom
apenas
antes da fartura
ser cobiçada
ainda no uso-fruto
sem tiranos
com o prumo da raiz
e o sumo da planta
e a matriz de todas as seivas
na hora da vida
na hora da morte
a mesma medida
reto e correto
como um arco
a linha na linha
e o ponto no ponto
onde deve ser
porque
é a minha Lei
e vem antes de adão
do mundo
sem homens**

**sem costelas
sem terras
sem paraíso
a vastidão
a terra sem promessa
pronta para começar**

Nomear. Quando uma palavra se torna.
O espaço dos nomes próprios.

O DICIONÁRIO PRIVADO

**é nome
minha primeira intenção
e quando fizeram-me Álvaro
passei a pertencê-lo
e assim como todos os nomes
que se tornam próprios
agora ele é meu
com nuances e verbetes
indispostos nos dicionários**

**é um sudário
uma rachadura
um fecho
meu nome é uma sutura
nas paredes do tempo
não me grite, é vão
não me evoque
meu nome é um santo
esquecido e alongado
na têmpera do tempo
é um serviço
sacro em seu benefício
nele você se expia
e sabe o quanto se ama
ou se destrói**

**porque
certa vez
disse-me um**

**grão
não é
carma
seu nome
é darma de alma
é salmo da alma
seu nome**

ALVARIAÇÕES

**Alvíssimo
Alvarinho
Alvaroço
Alvarão
Alvaríssimo
Alvarado
Alvaror
Alvinho
Alvrinho
Alvorecer
Alvaredo
Alvoredo
Alvarada
Alvarinho
Alvura
Alvarido
Alvarez
Alvarento
Alvará**

O testemunho de 1 tempo, ‘eu sou o cara, eu estava lá’.

MESSIAS DE 1 HOMEM SÓ

**desencaixotado
rebelle de causa
um pensativo inveterado
um fracasso meditatório
uma espécie de silêncio
maldito até em casa
que já faz tempo**

**fala com cafundó
atalho de
notícia & pessoa
fogo & fadiga
afluxo de alegria
o pão da poesia
meu defeito de fabricação
meu sestro
meu verso
e minha alegria
‘eu sou o cara
eu estava lá’
eu sou a voz
que ousa
eu sou a vez
da dúvida
e duvido da morte
e duvido da dor
e não sei onde acabo
nem onde estou
perdoado & contente
‘eu sou o cara
eu estava lá’
ensandecido
determinado
estado de alma
um poema imprenso
os perigos
e as idéias incontroláveis
livre, indébito
começo de tudo
fim de nada**

A poesia é algo que acontece entre um massacre e outro.
Entre uma guerra e outra. Sou mais um refugiado.

ÉRAMOS

**sou um ocidental
produto do índio português**

que veio à origem
e nos chamou do que era
sem saber quem éramos
sou um produto da matéria sexual
que serve à propagação
da idéia indoeuropéia
sou a fronteira
entre o leste e o oeste
estou no meio da tempestade
entre a rocha e a onda
o marisco
venho do resto
portugal é o resto
de uma diáspora mal sucedida
de um movimento
que partiu rumo às Índias
e aportou aqui
e disse índios
os que éramos
e acabaram ficando
e seu trabalho foi
fundar uma zona
uma rodovia qualquer
que resolveram fazer
para pilhar a terra
ah! eu vivo aqui
faço parte do butim
em minas bósnia
são paulo bagdá
no rio haiti

POEMA DESABAFO AO MUNDO CULTO

não me cite Mallarmé
nem sei do Paul
Valeria esquecer o Concreto
não me Explique
adeus Conceito
Chega!

não me afirme que a Forma

**é Superior à Emoção
quem és Tú rabo de tatu**

**quem pode falar Infâmias
em nome da minha Musa?
não me pense não me Fale
se puder não me cite Mallarmé
e Esquece o lance de dados**

**Wastland acabou
desde Whitman
um Verborrágico
muito admirado
e que não fez gênero com
a poesia Tcheca traduzida
ou o amor lá da Provênci
que me trouxeram na Ilustrada**

**Não somo escola nem crença
Não temo trabalho nem preguiça
Meu basta está na Palavra
Ela que se entenda ou se cale**

Acima de tudo, o poeta é uma pessoa que tem uma relação para lá de especial com as palavras.

Do Verão Dentro do Peito.

A PALAVRA VIVA

**a palavra lava o que agente mente
a palavra mente onde agente sente
a palavra cansa a palavra amansa
a palavra passa o que agente pensa
a palavra amassa
a palavra atrasa o que agente esquece
a palavra aquece o que agente teima**

a palavra queima
a palavra fogo que agente apaga
a palavra tralha que agente afasta
a palavra gaga
a palavra lavra
a palavra ato
mato onde agente embrenha
a palavra exata onde nada ata
a palavra sacra
a palavra senha a palavra laca
amarga doce luz
assanha brilho soa
bela voa
a palavra garça
taça
a palavra que agente bebe
a palavra tonta
a palavra esquece
a palavra enterra o que agente troca
a palavra cava
a palavra cova
afoga trama aplaina
a palavra amaina
amanhece
a palavra espaço dia
como brisa

Poesia experiência sacra?

PREFÁCIO DE DEUS

no mundo que é cerca
busco as palavras da imanência
a boa luz
e meu deus tem esta fôrma
que não posso esquecer
ele é a minha palavra de súplica
de desejo mais sincero
meu paço de humanidade
converso com Ele
como se as palavras
fossem ele-elas-também

Ele me fez na forma de um nome
que louvo com a blasfêmia
das minhas faltas
e com a certeza da Sua compreensão
diante Dele sou puro
princípio e consagração
na luz que banha
a treva-eu
Sua presença me constrói
sem Ela
minha beleza se desmancha
em ossos baldios

Banal?

NADA DEMAIS

tudo é vulgar como o batom vermelho
e a saia justa de crochê
como os sorrisos da caixa
- as mentiras amargas e a música sertaneja -
a garapa escorrendo entre os dedos
o brilho na pedra falsa
- o Shop Pastel -

Guarapari
teus olhos de kitch me fitam

**nossa cumplicidade...
as coisas em seu lugar
- doce é a vida, doce é o olhar -
o jeans délavé
o senso comum de mãos dadas
com minhas madrugadas
tudo é igual no fundo dos olhos
que se cruzam pelo caminho**

**da praia dos namorados à ponta das castanheiras
pedras toscas e negras
senhores aposentados
nomes no tabuleiro de damas
tattoos descartáveis
uma mineral de plástico
seu prisma neon
como um brilhante adocicado
e também aquele senhor
que hoje fabrica mentiras em mim
suas mesquinharias
a poesia banal, seu traço vulgar
a pizza esquecida
à noite no calçadão
o vento ressoa nos ouvidos
os caracóis som-de-mar
desejos de clareira
ver aquelas pedras trinar
nada demais
saudades de você
- um filé com fritas -
nada muito sério
- um sunday de caramelô -**

Não acham que filé com fritas rima com um sunday de caramelô? Banal como Quintana, em passarão passarinho.

A estética tropical, a luz implacável. A poesia em êxtase como no Caraça, naquele dia. Blake com um pouco de Rimbauld?

CARAÇA

**Pequena enxurrada de poesia
que antecede a chuva
que não chega a cair exatamente.**

**Santa Bárbara de Minas
Dezembro de 1991**

**cantareiras voando degraus no céu
trinchas grossas no céu
calmaria de cinzas
vapores de caules degraus
talo das plantas
os brotos a benção
calmaria de cinzas
trinchas grossas no céu
graneleiros no ar
rebentos odores
avisos passagem
o tenor do sol
o ruflar de nuvens
o também dos pássaros
ervas semementeiras
mãos úmidas por toda parte
talos e calos talos**

**mastigar as plantas sorver esperança
a saliva plena dos bosques
a supremacia os planos da afeição
aviltar as cascas as frinchas as lesmas
revolver mensagens paradeiros e fatos
tirar o som do sol o som do sim
tinir o balde azucrinar a mula
zurrar a bica sapecar a massa
os fatos com nacos de ti**

**estalidos
traques no céu
armaduras de chumbo
estacas estiradas**

**filete de água córregos
ferpas pó de água
estiletes estampidos borbulhos
plenos viços pulmões ferroadas
ares de ventania
sobrancelhas no céu**

**o fim de ornamentos
o fadado, os ciscos, os vãos
ruindo, destramelando
o dia tine, alveja a vida**

A letra vem com a música, a poesia com o silêncio, li numa entrevista de Nando Reis.

Poesia não é para entender, entender é pedra, seja árvore disse Manuel de Barros.

OS AFAZERES DA PEDRA (como em manuel de barros)

**todos os afazeres da pedra
estão escritos antes dela
por que dali ela não moverá
por vontade própria
e de si
será
apenas
se em pedaços
lhe fizerem
oh deus
os afazeres da pedra
são tantos
silencio obsequioso
dureza, frio e aspereza
nas suas rugas não há velhice
mas tato de mineral
os afagos da pedra não me vêm**

**logo que sinto a dor e as faltas
posso ficar ali
por horas e dias
todo o tempo que tenho
de vida
e ainda assim
ela estará ocupada
em ser o que é**

Poesia como não lugar, talvez a falta de lugar.

Do livro

MONODIAS

**como homem sigo e temo
o passado me acompanha
em procissão de rosas**

**distância é o que mede?
ou afasta?**

**virão as ondas bater no casco
virá a hora própria...**

**os mortos são audíveis
nas ondas do meu pensamento**

**o passado não retenho
são momentos de pó e cal**

**já não espero presenças
estremeço sobre a linha do tempo
meus momentos?
onde estarei com eles outra vez?**

**tudo que faço
não passa de ir ao largo**

mais dentro & distante

**aceito as estradas da galáxia
e desconheço
a triste sina do século**

**reverso disso que amontoa
estou pela paz**

**em mim e no outro
mas como falar**

**se vim para outro jazigo
e me perdi das pessoas?**

**se me criei entre palavras
e com elas aprendi a esquecer?**

incompreendo mais que escuto

Poesia e lucidez, como em Fernando Pessoa.

**“Eu é que sei. Coitado dele!
Que bom poder-me revoltar num comício dentro de minha
alma!**

**Mas até nem parvo sou!
Nem tenho a defesa de poder ter opiniões sociais.
Não tenho, mesmo, defesa nenhuma: sou lúcido.**

Não me queiram converter a convicção: sou lúcido!

**Já disse: sou lúcido.
Nada de estéticas com coração: sou lúcido.
Merda! Sou lúcido.”**

(Álvaro de Campos, in “Poemas”)

Não só o lúcido, o lúdico, como nestes POEMAS DE BRINQUEDO

PALAVRAS GÊMEAS UNIVITELINAS

**(atenção: ler cantando, ritmo rápido com paradas no reco
reco legal)**

**bole bole
mexe mexe
pula pula
pisca pisca
troca troca
quebra quebra
reco reco
legal**

**bora bora
quero quero
puxa puxa
nheco nheco
xup xup
lambe lambe
reco reco
legal**

**toque toque
puxa puxa
quebra quebra
tico tico
lambe lambe
xique xique
reco reco
legal**

**lero lero
xup xup
tico tico
rela rela
bora bora
bole bole
reco reco
legal**

PALAVRAS GÊMEAS BI VITELINAS

(descobrir quais são separadas, têm hífen ou são escritas junto)

zig zag
tic tac
bate boca
pica mula

cabra cega
guarda chuva
mestre cuca
passa quatro
vice rei

couve flor
banho maria
lusco fusco
mestre sala
tira teima

maria mole
cata vento
guarda roupa
porta treco
ping pong
estrela d'alva
supra sumo

guarda pó
maria fumaça

ave maria
trem bala
porta avião
e guarda sol

A conversa de eternia. A literatura no seu sentido

estendido. Uma rede que se conecta no tempo largo. Um diálogo multicultural e transnacional.

Da tradição ocidental converso com Pré Socráticos, Dionísio, Baco, Nietzsche, poetas franceses, americanos, latinos e brasileiros... Encontro muitos literários e libertários, em revolução, insurgência, indivíduos em crise com seus estados, tempos e valores.

Da tradição oriental, buda e o tao: a ressonância, o ritmo vital, a sincronicidade, a empatia, o vazio, o vaso o entre, o não é (wu wei), o yin yang e o silêncio. Uma mente pacificada em sintonia, uma mente coletiva e abrangente.

E a fissura que se abre entre essas escolas é parte indelével da minha poesia.

O BUDA OCIDENTAL (poesia da palavra literal)

**meu buda tem
uma vara de pescar fogo
às vezes
apago seu fogo
num lago de aguardente
porque não suporto
seu perfume**

**meu nunca
tem um buda
deleitado
num berço
cego vasto
pasmo e ato**

ESCULPINDO O DESEJO

**traga-te o abismo
onde se talha, se despedeça
rompe a matéria do sol**

ainda que rochas
onde se pára
entre pontes
fortaleça até a trinca
as rachas da fortaleza
o desejo alarga onde se dói

O BUDA DA PALAVRA

cristo foi condenado a morrer
pelos sábios do templo
e mesmo depois
de sagrado deus
quando sua igreja queimou
herejes na fogueira
e abençoou de morte
índios em suas terras
e galileu mentiu
para não virar pó
quando a arte degenerada
foi banida pelo reich
e os judeus calcinados
hiroshima também ardeu
em chamas e câncer
quando os cruzados abriram
a temporada infinda do fraticídio
e os descendentes das cinzas
voltaram para exterminar maomé
e quando ontem o talibã
demoliu o buda da montanha
a poesia ecoou
no precipício do seu princípio
e subiram em labaredas
desde alexandria
as chamas de palavras banidas
de todos os livros de silêncio
de todos os homens emudecidos
por todos os poderes
que se proclamam eternos
e eu perguntei
buda foi destruído?

**minha poesia é um riso
do que pode o homem
onde não pode a tirania
e lá onde acaba o poder
está imóvel meu buda
a palavra sã
que jamais se esquece
e arde através do tempo
e mesmo que me calem
ainda que me matem
meu buda vai estar lá
no princípio que principia
ele tem uma vara de pescar fogo
e nunca se apressa**

A palavra sã.

Destruição e renascimento. ‘Eu sou a rudeza destes pastos, queimados e renascendo...’ (Cora Coralina).

A esponja. Os nervos do entulho.

O HOMEM VAZADO

**por que sou sênsaro
só tenho poros
e tudo me trespassa
eu pelica
eu de treliça
só tenho poros
sou todo furado
tudo me trespassa
eu pelica
eu de treliça**

DULHAS

mecânica quântica

**sinto até átomo
mudando de lugar**

o ofício

**o poeta é um
sabe-não-parar**

o poeta em chuang tzu

**o profeta-inspirado
o ato-impulso**

o bom do menino

**é cara de não sabe de nada
é nunca pensa da mesma maneira**

POESIA FRACTAL

**uns partem outros nunca
ao limite do infinito
a franja de pontos
o senso das fronteiras
o inexato encosto
entorno de ordem e caos
dois mares que se atracam
nunca e sempre vazantes**

**uns partem outros nunca
ao topo das lógicas
o absurdo entrevisto
o certo que não se palpa
com o entendimento
mas que se vê com olhos
que dão números ao infinito**

Para terminar, uma intervenção do abuelo Tião Paineira, ele nos explica como aprendeu a ser oleiro.

Será que poesia é cerâmica também?

Um tato na mente e uma expressura na mão?

Grato

Álvaro

ps:

Em ciclope.com.br os textos integrais e a visualização gráfica dos livros de poesia. Lá também alguns textos relacionados, da seção Acervo Álvaro Andrade Garcia:

O TRONCO NEGRO DO FARAO

A LIBERDADE DAS COISAS

POESIA E TECNOLOGIA

DA VIDEOPOESIA À IMAGINAÇÃO DIGITAL

O QUE É O SÍTIO DE IMAGINAÇÃO

MULTIMÍDIA IMAGINAÇÃO E POESIA ZEN

DESCATEGORIZAR E RECATEGORIZAR A POIÉSIS A PARTIR DO DIGITAL